

FOCO: Caderno de Estudos e Pesquisas

ISSN 2318-0463

AS FACES DE MACHADO DE ASSIS EM JOSÉ DE ALENCAR: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *SENHORA* E *DOM* *CASMURRO*

RIGOTTI, Gabriela Fiorin¹

Faculdades Integradas Maria Imaculada – FIMI
gabi.frigotti@gmail.com

LOPES, Marcelo Donizete dos Santos²

Faculdades Integradas Maria Imaculada – FIMI
português.objetivo.cursinho@gmail.com

RESUMO

José de Alencar, escritor da era romântica, incluiu em seus romances, mais especificamente em *Senhora*, temas realistas que podem ser identificados como prenúncio da classe literária vindoura. No referido romance, sobretudo se comparadas suas características com as machadianas presentes em *Dom Casmurro*, percebe-se que Alencar incluiu inúmeras características realistas: o convencionalismo em oposição à realidade e o anormal como obstáculo à perfeição humana estão dentre os traços característicos do realismo que já apareciam em *Senhora* – traços que alcançariam refinamento posterior nas obras realistas de Machado de Assis. Utilizando-se, portanto, da análise comparativa destes dois romances e à luz de autores como Coutinho e Bosi, este texto visa evidenciar o motivo pelo qual Alencar é considerado o Rei Real Romântico, fundador de uma identidade real nacional precursora e vanguardista.

Palavras-chave: Literatura Comparada. José de Alencar. Machado de Assis.

¹ Doutora em Educação, Coordenadora do Curso de Especialização em Arte-Educação das Faculdades Integradas Maria Imaculada, FIMI-Mogi Guaçu/SP, responsável pela disciplina de "Literatura, Poesia e Contação de Histórias".

² Graduado em Letras pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada, FIMI-Mogi Guaçu/SP, professor de Língua Portuguesa/Literatura e revisor textual.

1 INTRODUÇÃO: DO ROMANTISMO AO REALISMO

O Romantismo, enquanto gênero literário, predominou na Europa na primeira metade do século XIX. Surgido imediatamente após a Revolução Francesa, trouxe consigo uma postura racional associada ao Iluminismo, pensamento europeu dominante principalmente entre os franceses desde os idos do século XVII. Nesse sentido, o Romantismo correspondeu à oposição aos modelos clássicos e, em consequência, ao racionalismo dominante, uma vez que propunha uma literatura mais livre e subjetiva.

No Brasil, este gênero literário introduz-se em 1836, com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, e perdurou até 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis – obra que marcou o início ao Realismo no país.

Imagem 1 - Capa de *Suspiros Poéticos e Saudades*, ano de 1939





(imagem do acervo digital do Ministério da Educação e Cultura)

As características³ predominantes da era romântica definem-se, prioritariamente, como: a expressão dos sentimentos individuais de modo livre e descompromissado com regras rígidas poéticas; a confissão dos estados da alma, de suas paixões e sentimentos religiosos; a exaltação da liberdade humana e o elogio à vida; a busca pela distância da corrupção da vida nas cidades, exaltando a preferência por ambientes noturnos e solitários propícios para desabafos e confidências; e a exaltação de um sentimento trágico e melancólico de existência em relação à vida.

O romantismo subdivide-se em três gerações:

³ Todas as características aqui elencadas, tanto para o Romantismo quanto para o Realismo, foram assunto de aulas e são fruto do aprendizado construído dentro do curso de Letras das Faculdades Integradas Maria Imaculada, FIMI/Mogi Guaçu-SP.

✓ Nacionalismo: nesta primeira fase, os autores buscavam uma identidade tipicamente nacional. Apresentava personagens e cenários com características naturais do Brasil e a mulher, antes idealizada, passa a ser mais acessível, tomando uma forma presente, real.

✓ Ultrarromântico: geração na qual os poetas declaram-se com sentimentos aflorados, expondo-se com exacerbação e traços de melancolia. Preferência por ambientes escuros, nos quais o desabafo dos amores não correspondidos ganha lugar.

✓ Condoreira: esta última fase, já como um salto para o Realismo, é considerada uma fase de transição e traz as características românticas para contextos mais sociais que pessoais.

Já o Realismo surgiu no século XIX, quando cientistas e filósofos ocuparam-se intensamente em estudar a natureza, buscando dividi-la para estudar cientificamente suas partes e distinguir características, origens e princípios. Paralelo a este avanço científico advindo sobretudo da Revolução Industrial, surge uma nova burguesia urbana e também a classe operária – as quais passam a ser retratadas literariamente pelo gênero Realista agora surgido.

Os pensamentos que mais influenciaram o realismo foram o positivismo de Comte⁴, o evolucionismo de Darwin⁵ e o determinismo de Taine⁶. Por isso, são características marcantes deste gênero: a admissão das verdades científicas demonstradas pelo experimentalismo; a premissa de que o mais forte é o que sobrevive; e a afirmação de que o futuro é influenciado pela raça, pelo contexto histórico e pelo ambiente.

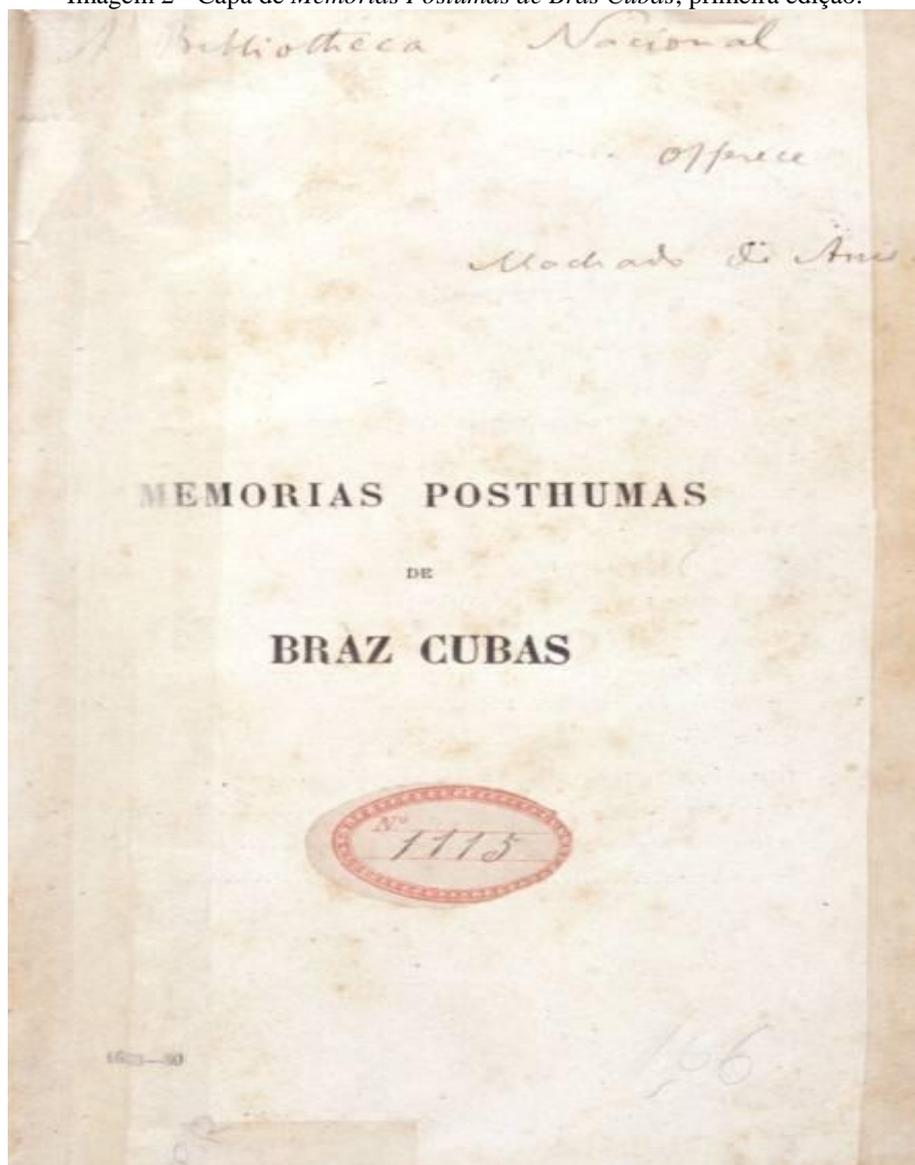
No Brasil, marca-se o início do Realismo com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em 1881. Iniciando-se com as revoluções de ordem pública, quando o tráfico do navio negreiro havia sido extinto e a decadência da economia da cana de açúcar acentuava-se, o Realismo observou ainda a abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da República, em 1889.

⁴ Referindo-se ao pensador positivista francês Auguste Comte (1798-1857).

⁵ Referindo-se ao naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882).

⁶ Referindo-se ao historiador positivista francês Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893).

Imagem 2 - Capa de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, primeira edição.



(imagem do acervo digital da Biblioteca Nacional)

Culminando com toda esta fase efervescente em termos políticos e econômicos, as características literárias do Realismo brasileiro perpassam também a objetividade, o universalismo, a clareza e a correção da linguagem, o materialismo, a contenção amorosa, o descritivismo, a lentidão e a impessoalidade.

2 MACHADO DE ASSIS E JOSÉ DE ALENCAR: BREVE RETRATO

Considerado um dos maiores autores da primeira geração da era Romântica, José Martiniano de Alencar era natural do Ceará, nascido em 1º de maio de 1829. Formou-se em Direito em 1850, em São Paulo, mudando-se para o Rio de Janeiro para dedicar-se à advocacia e ao jornalismo.

Imagem 3 – José Martiniano de Alencar



(imagem de domínio público)

Publicou *O Guarani* em 1857. Foi deputado estadual pelo Ceará em 1860, conciliando seu trabalho de escrita com sua carreira política. A publicação do romance *Senhora* aconteceu em 1875. Faleceu em 12 de dezembro de 1877.

Imagem 4 – Capa de *O Guarani*, edição de 1994.



(imagem de acervo pessoal)

Já Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em junho 1839, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Filho de pai mulato e mãe açoriana, aos seis anos perdeu a irmã e sua madrinha e, aos dez, a mãe. Não pode frequentar regularmente a escola, tendo sido um reconhecido autodidata que, aos quinze anos, já sabia francês e escrevia seu primeiro poema, *A Palmeira*, publicado em 1855.

Imagem 2 – Joaquim Maria Machado de Assis



(imagem de domínio público)

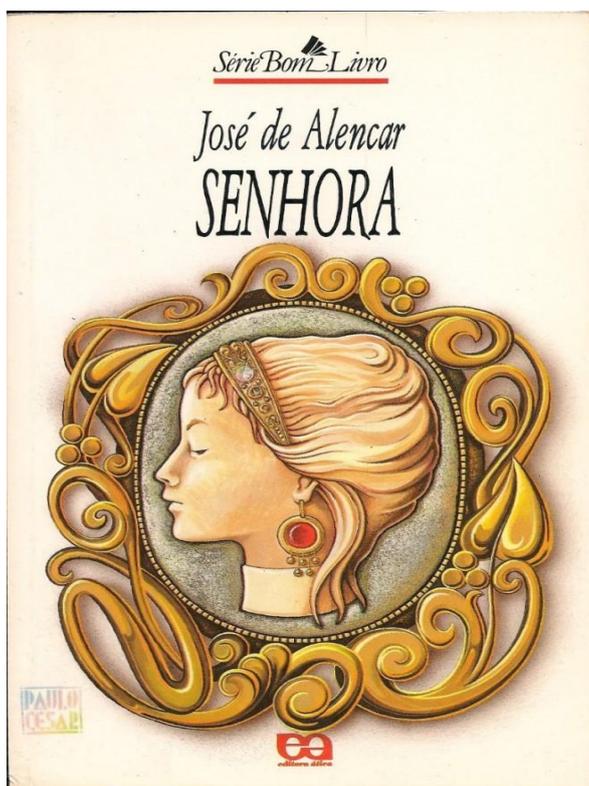
Em 1869, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novaes. Publicou seu primeiro romance, *Ressurreição*, em 1881 e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1886. Em 1896, fundou, com outros escritores e jornalistas, a Academia Brasileira de Letras, onde atuou até a morte. A morte de sua esposa, em 1904, o abala profundamente e, em 1908, morre em decorrência de arteriosclerose.

3 RELEMBRANDO *SENHORA* E *DOM CASMURRO*

O Romance *Senhora* conta a história de Aurélia Camargo e Fernando Seixas. A narrativa é conduzida do ponto de vista feminino. O casamento por interesse, tema central deste romance, é tratado como uma transação comercial, que fica evidente, sobretudo, pelo título das quatro partes que subdividem a obra: O Preço, Quitação, Posse e Resgate. Querendo mostrar como a riqueza içava as pessoas à alta sociedade e como a falta dela as depreciava, Alencar relata a vida de Aurélia, que vai do começo pobre à ascendência, após receber a herança de seu avô, retratando-a à luz do olhar da própria personagem.

Aurélia, personagem principal, é apresentada como mulher sensível, amorosa, bela, jovem e de uma inteligência assaz. Seixas, por sua vez, também se apresenta como homem inteligente e interessante, mas suscetível aos prazeres burgueses. Ambas as personagens, no entanto, são apresentadas em seus defeitos e qualidades, e há a busca por uma identidade perdida defrontando-se com os interesses da sociedade mesquinha da corte. O final feliz é justamente a redenção dos erros de ambos, clara demonstração de que o amor romântico seria, segundo o autor, capaz de superar quaisquer obstáculos.

Imagem 2 – Capa do Livro *Senhora*, edição de 1997.

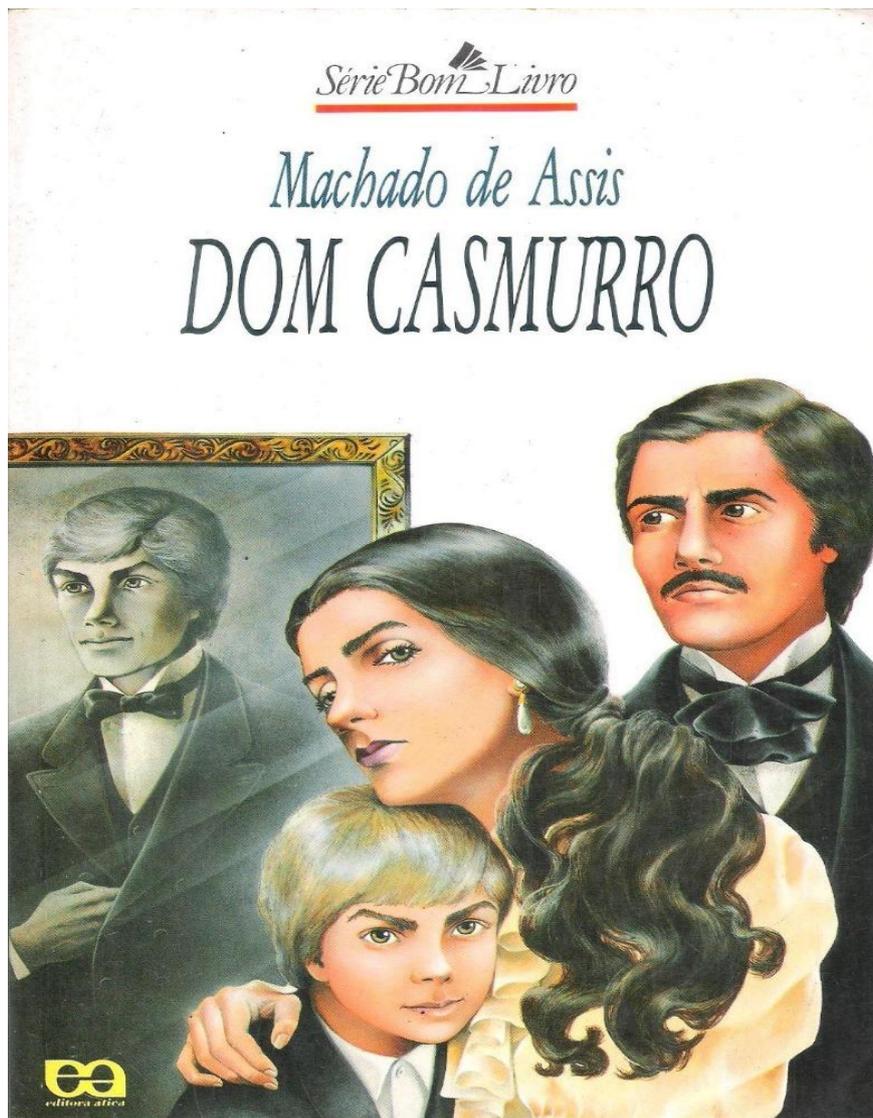


(imagem de arquivo pessoal)

Já o Romance *Dom Casmurro* é escrito sob a ótica masculina de Bento Santiago, um dos personagens principais. Bento conhece Capitu ainda na infância e por ela apaixona-se, mas logo ao entrar na puberdade é enviado ao seminário por conta de uma promessa de sua mãe. Lá conhece Escobar, que se torna seu melhor amigo. Ao saírem ambos do celibato, Bento casa-se com Capitu e Escobar, com Sancha. Logo os dois amigos tornam-se pais.

Escobar falece tempos depois e em seu enterro Capitu tem uma atitude inesperada, a qual causa em Bento Santiago uma grande desconfiança que, transformada em ciúme, o persegue pelo resto da vida. Para Bento, ver o crescimento de seu filho era ter a prova de uma traição de Capitu com Escobar, pois em todos os gestos do pequeno via as atitudes do falecido amigo. Bentinho passa a viver recluso e põe fim à alegria da família. Capitu falece e Bento torna-se o pai financiador das viagens do filho, mas sem dele se aproximar. Ao fim, o filho Ezequiel morre de febre tifoide e é enterrado em Jerusalém.





(imagem de arquivo pessoal)

4 AS FACES MACHADIANAS EM ALENCAR

Em seu texto, ao falar sobre Alencar, Coutinho insere várias características favoráveis sobre o autor, advertindo o leitor, inclusive, que ainda temos muito a valorizar a obra de Alencar.

Machado de Assis disse uma vez a Alencar, publicamente, que contra a conspiração do silêncio o ilustre escritor teria por si, um dia, a conspiração da posteridade. E ainda nisso foi profético o autor de Brás Cubas; o nome e a obra de Alencar pertencem indiscutivelmente à posteridade, mas a posteridade precisou e ainda precisa para valorizá-lo. (COUTINHO, 1997. P. 249-250)

Outros críticos literários também ousaram exaltar as características de Alencar como profundamente marcantes na literatura brasileira. Bosi, por exemplo, ao comparar Alencar a Assis, dá-lhe o crédito de conseguir ultrapassar o típico moralismo romântico e redimir heróis e heroínas ao apresentar suas personagens como humanos, com seus defeitos e qualidades.

O mesmo intimismo, dissecado e desmistificado nas suas raízes como vontade – de poder e de prazer – comporia um quadro bem diverso nos romances maduros de Machado de Assis. Mas Alencar crê nas “razões do coração” e, se as sombras do seu moralismo romântico se alongam sobre as mazelas de um mundo antinatural (o casamento por dinheiro, em *Senhora*; a sina da prostituta, em *Lucíola*), sempre se salva, no foro íntimo, a dignidade última dos protagonistas, e se redimem as transações vis repondo de pé herói e heroína. (BOSI,1994, p. 147)

Antônio Candido vem ao encontro desta ideia ao apontar que, se em Assis os contrastes entre o bem e o mal são dilemas centrais, em Alencar eles já apareciam. Porém, Candido salienta que é em Machado de Assis que tais dilemas seriam refinados em termos literários.

Outro fator dinâmico na obra de Alencar é a desarmonia, o contraste duma situação, duma pessoa ou dum sentimento normal, e tido por isso como bom, com uma situação, pessoa ou sentimento discordante. Sob a forma mais elementar, é o choque do bem e do mal. (...) E ao acabar a leitura, embora sintamos a relativa argúcia do autor, imaginamos, pesarosos, que conto não teria aquilo rendido nas mãos de Machado de Assis. (CANDIDO, 1836-1880, p. 208)

Bosi, no entanto, quando dá a Alencar créditos de narrador realista, não tira dele o lado emotivo e romântico, incitando-nos a compreender que o romântico pode ser realista sem assim perder em força ou qualidade.

(...) É claro, há mais participação emotiva no ato de descrever no romântico que no naturalista; este não raro se compraz no puro inventário: o que não deve dar margem a juízos estereotipados como Eça descreve melhor do que Camilo, ou Aluísio melhor que Alencar. (BOSI,1994, p. 148)

Constata-se, nesse sentido, a importância de Alencar como romancista romântico com características marcadamente realistas. Na opinião de Coutinho, dentre todas as escrituras de Alencar, ele nunca se mostrou um principiante, com medo de expor seus

romances; pelo contrário, mostrou-se um romancista de técnicas refinadas que só seriam ultrapassadas por Machado de Assis.

(...) Alencar, ao publicar os primeiros livros, não era um principiante a hesitar na solução desse ou daquele problema narrativo; mostrava-se, ao contrário, um romancista senhor do seu ofício, dono de uma técnica que não fora antes revelada e, mesmo depois, só seria ultrapassada por Machado de Assis. (COUTINHO,1997, p. 254)

A partir destas análises comparativas entre os autores e comparando-se agora *Senhora* à *Dom Casmurro*, podemos perceber as características realistas que, de fato, já estariam presentes nas escrituras de José de Alencar.

Contrastando com as escrituras de Assis, percebe-se que em *Senhora* o romantismo é menos presente que no próprio romance realista. Em *Dom Casmurro*, por exemplo, Bento Santiago apaixona-se por Capitu sem interesse em sua posição e a diferença social entre eles não o impede de casar-se com sua amada – o que pouco condiz com as características marcadamente realistas neste texto já apontadas.

Já em *Senhora*, ao se tornar rica, Aurélia desperta em Fernando Seixas um grande interesse em tê-la de volta, o que o faz ir para Recife a fim de fugir do casamento com Adelaide. Essa romântica “fuga da realidade” dura pouco: Lemos, tio de Aurélia, propõe a Fernando casar-se com uma moça em troca de um dote de cem mil contos de réis, o que ele aceita. Ao conhecer a moça com a qual se casaria por dinheiro, Seixas percebe que se trata justamente de Aurélia. Alegre por casar-se com sua amada e ainda receber um belo dote, Seixas nos demonstra que, para Alencar, o romantismo puro já estaria superado. Aurélia logo após o seu casamento com Seixas, entrega-lhe o restante do dote que a ele pertencia.

(...) Vendi-me; pertenceo-lhe. A senhora teve um mal gosto de comprar um marido aviltado; aqui o tem como o desejou. Podia ter feito de um caráter, talvez gasto pela educação, um homem de bem, que se enobrecesse com sua afeição; preferiu um escravo branco; estava em seu direito, pagava com seu dinheiro, e pagava generosamente. Esse escravo que o tem; é seu marido, porém nada mais que seu marido!

O rubor afogueou as faces de Aurélia, ouvindo essa palavra acentuada pelo sarcasmo de Seixas.

– Ajustei-me por cem contos de réis – continuou Fernando. – Foi pouco, mas o mercado está concluído. Recebi como sinal da compra de vinte contos de réis; falta-me arrecadar o resto do preço, que a senhora acaba de pagar-me.

O moço curvou-se para apanhar o cheque. Leu com atenção o algarismo, e dobrando, lentamente o papel, guardou-o no bolso do rico chambre de gorgorão azul.

– Quer que lhe passe um recibo?... Não; confia na minha palavra. Não é seguro. Enfim estou pago. O escravo entra em serviço. (ALENCAR, 2008, p. 94)

Passam ambos a viver um casamento de aparências, dormindo em quartos separados e tratando-se intimamente com sarcasmo e ironia – características marcantes nas escritas machadianas.

Esse enredo difere da construção machadiana, já que em *Dom Casmurro*, apesar do ciúme crescente de Bento, o amor entre ambos fica sempre evidente. O ciúme – sentimento pelo qual o livro é largamente conhecido – perpassa a relação do casal sobretudo após o nascimento de Ezequiel, pois Bentinho repara em características do filho que o remetiam, a todo instante, ao amigo Escobar. Este ciúme faz a relação de amor do casal se deteriorar dia a dia.

Tanto Capitu quanto Ezequiel vão para a Europa. Lá, Capitu falece e é enterrada em terras suíças; já Ezequiel vive afastado de seu pai até falecer, em Jerusalém, de febre tifoide durante uma pesquisa arqueológica.

Triste e totalmente nostálgico, Bentinho constrói uma casa que imita a de sua infância. Agora velho, tenta reatar as duas pontas de sua vida em busca da verdade: fora ou não traído por Capitu com Escobar? Característica totalmente romântica, a personagem realista de Assis sofre por ciúme e acaba tendo um fim tragicamente dolorido.

Considerando os atos finais de Aurélia e Fernando Seixas, tornaram-se dois estranhos mas, ao apresentar ao amado seu testamento – no qual lhe deixa todos os bens – Aurélia se redime e o casal finalmente une-se no amor conjugal. Consta neste final, portanto, que o romantismo dá lugar ao realismo, sendo que Alencar refaz a integridade de suas personagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comparando-se, enfim, as obras de Alencar e Assis e analisando-as à luz de autores e críticos que já se debruçaram sobre suas semelhanças e diferenças, conclui-se que as características realistas, que atingiriam seu ápice em Assis, já estavam delineadas

nos escritos de Alencar. Além disso, *Dom Casmurro* em muitas partes mostra características tão ou mais românticas que *Senhora*.

Assim como os críticos exaltaram, esta análise comprova as características realísticas de Alencar, o qual conseguiu, em vários aspectos, ultrapassar o romantismo e seu moralismo típico atribuindo às personagens traços muito reais, com defeitos e qualidade e, nesse sentido, apresentando-as como humanas, como se espera de uma escrita realista.

Ademais, ao descrever um casamento por interesse, como uma troca comercial, mais uma vez Alencar demonstra sua escrita visionária, superando a narração típica do amor romântico em suas paixões e incluindo traços marcadamente realistas.

Nesse sentido e relembrando uma citação de Coutinho já apresentada neste texto, o próprio Machado de Assis já conseguia antever a garra e a força da escrita de Alencar, uma escrita romântica com características realistas que, ainda hoje, carece de reconhecimento e de reverências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Ática, 1998.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1995.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1979.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia Ltda., 2000.

COUTINHO, Afrânio. **Literatura no Brasil – Era Romântica**. São Paulo: Global, 1997.

SITES CONSULTADOS:

Biblioteca Nacional - <https://www.bn.gov.br/>

Ministério da Educação e Cultura - <https://www.mec.gov.br/>